

MEDITAÇÕES
OITAVÁRIO PELA UNIDADE
DOS CRISTÃOS



EDITADO POR 

**MEDITAÇÕES
OITAVÁRIO PELA UNIDADE
DOS CRISTÃOS**

FONTE DOS TEXTOS E IMAGEM

opusdei.org/pt-pt

Oitavário pela Unidade dos Cristãos

1. 1º dia, 18 de janeiro
2. 2º dia, 19 de janeiro
3. 3º dia, 20 de janeiro
4. 4º dia, 21 de janeiro
5. 5º dia, 22 de janeiro
6. 6º dia, 23 de janeiro
7. 7º dia, 24 de janeiro
8. 25 de janeiro, Conversão de São Paulo

Oitavário pela unidade dos cristãos (1º dia, 18 de janeiro)

Primeira reflexão do oitavário pela unidade dos cristãos (18 de janeiro). Temas: A oração de Jesus: "Que sejam um", origem do costume e importância da unidade e de reconhecer Cristo nos outros.

Sumário

- Oração de Jesus: Que sejam um.
- Origem do costume e importância da unidade.
- Reconhecer Cristo nos outros.

COMEÇA hoje o oitavário pela unidade dos cristãos. Durante estes dias, com toda a Igreja, meditaremos mais profundamente sobre algumas palavras pronunciadas por Jesus na Última Ceia que animam estes desejos de união. Cristo, depois de ter compartilhado mais de trinta anos com os homens, sabia que tinha «chegado a sua hora de passagem deste mundo para o Pai» (Jo 13, 1). O Seu coração, na iminência da traição e da dor, fica embargado de amor pelos seus discípulos: «Amou-os até ao extremo». Por isso, poucas horas antes de ser preso, deixa-nos em herança três presentes importantes que são muito mais que uma catequese: o lava-pés, o dom da Eucaristia e os ensinamentos do discurso da Ceia.

No longo discurso de Jesus durante a Última Ceia, relatado por S. João, suplica ao Pai pela unidade daqueles que, no decorrer dos séculos, chegaríamos também a ser seus discípulos: «Pai Santo, Tu, que a mim te deste, guarda-os em ti, para serem um como Nós somos» (Jo 17, 11). A Igreja impele-nos, durante esta semana, a unir-nos à sua oração filial, a dar mais um passo na identificação dos nossos sentimentos com os de Cristo e a tornar próprio esse anseio ardente.

Quando o Senhor pronuncia aquelas palavras – «guarda os que me deste» –, os seus seguidores não eram muito numerosos. O Evangelho

estava circunscrito a uma zona geográfica e social determinada. No entanto, nesse momento, o coração de Jesus chega muito mais longe, abarcando com o seu olhar toda a Igreja ao longo dos séculos, com as suas esperanças e dificuldades. Cristo reza pela nossa unidade porque prevê a importância que ela terá para a transmissão da fé e para a nossa própria credibilidade: «Não rogo só por eles, mas também por aqueles que não de crer em mim, por meio da sua palavra: para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós, e o mundo creia que Tu me enviaste» (Jo 17, 20-21).

O Concílio Vaticano II ensina-nos que o «santo propósito de reconciliar todos os cristãos na unidade de uma só e única Igreja de Cristo excede as forças e a capacidade humana. Por isso, coloca inteiramente a sua esperança na oração de Cristo pela Igreja»^[1]. A unidade é um dom que recebemos de Deus. Por isso, Bento XVI recorda-nos que «não podemos "fazer" a unidade apenas com as nossas forças. Só a podemos obter com o dom do Espírito Santo»^[2]. Queremos que ressoe no nosso interior, de modo especial durante a semana de oração pela unidade, esta intensa petição de Jesus ao Pai. Todas as palavras do Filho de Deus procuram mover o nosso coração: temos uma ocasião mais para sermos novamente surpreendidos por elas. Também S. Josemaria, animado por este anseio de unidade, queria que todos os fiéis da Obra pedíssemos nas Preces, diariamente, com as próprias palavras do Senhor: «*Ut omnes unum sint sicut tu Pater in me et ego in te!*».

BENTO XVI referiu-se à origem desta devoção na altura em que passaram cem anos sobre a existência do oitavário. «Quando foi começada, referiu, tratou-se na realidade de uma intuição verdadeiramente fecunda. Aconteceu em 1908: um anglicano norte-americano, que depois entrou na comunhão da Igreja católica, (...), lançou a ideia profética de um Oitavário de orações pela unidade dos cristãos^[3]. Esta iniciativa difundiu-se pouco a pouco até que, oito anos depois, Bento XV quis alargá-la a toda a Igreja católica^[4].

A data para viver o oitavário é a mesma desde o princípio: de 18 a 25 de janeiro. Foi assim estabelecido pelo simbolismo que tinham os dois dias no calendário daquela altura. «O dia 18 de janeiro era a festa da Cátedra de S.

Pedro, que é um sólido fundamento e uma garantia segura de unidade de todo o povo de Deus, enquanto no dia 25 de janeiro, tanto outrora como hoje, a liturgia celebra a festa da Conversão de S. Paulo»^[5]. Por um lado, recordamos a missão que Cristo confiou a Pedro e, através dele, aos seus sucessores: confirmar na fé todos os seus discípulos. E, por outro, a conversão de S. Paulo sugere-nos que o modelo para chegar à unidade é a conversão pessoal, movimento que só pode dar-se a partir do encontro pessoal com Cristo ressuscitado. As duas festas – a Cátedra de S. Pedro e a Conversão de S. Paulo – orientam o nosso olhar para a pessoa de Jesus Cristo que é, em última análise, em quem todos nos uniremos no futuro. S. João Paulo II recordava que o ecumenismo – movimento que procura a unidade dos cristãos – não é uma tarefa opcional nem se trata de «*uma espécie de «apêndice»*», que se vem juntar à atividade tradicional da Igreja»^[6]; o ecumenismo, pelo contrário, pertence à sua íntima natureza missionária e brota de uma compreensão profunda da tarefa que Cristo nos deixou e pela qual rogou ao Pai antes da sua Paixão. «A unidade é a nossa missão comum; é a condição para que a luz de Cristo se difunda mais eficazmente em todas as partes do mundo e os homens se convertam e sejam salvos»^[7]. É um caminho em que, como bons filhos, estamos convidados a participar, pondo-nos à escuta do Espírito do Senhor.

O DISCURSO DE DESPEDIDA durante a Última Ceia não é a primeira ocasião em que Jesus convoca os seus discípulos à unidade. Aproveitando circunstâncias diferentes, já os tinha advertido que estavam chamados a reconhecerem-se como irmãos e a servirem-se uns aos outros porque «um só é o vosso Mestre (...), um só é o vosso ‘Pai’ (...), um só é o vosso ‘Doutor’: Cristo» (Mt 23, 8-10). Efetivamente, afirma o Papa Francisco, «por ação do Espírito, tornámo-nos um só com Cristo, filhos no Filho, verdadeiros adoradores do Pai. Este mistério de amor é a razão mais profunda da unidade que liga todos os cristãos e que é muito maior do que as divisões ocorridas no decurso da história. Por este motivo, na medida em que nos aproximamos humildemente do Senhor Jesus Cristo, acontece também a aproximação entre nós»^[8].

O Concílio Vaticano II reconhece que, dentre os bens com que a Igreja se edifica e vive, muitos podem encontrar-se também fora do seu recinto

visível, como «a palavra de Deus escrita, a vida da graça, a fé, a esperança e a caridade e outros dons interiores do Espírito Santo»^[9]. Em todos estes âmbitos é a própria força operante de Cristo que nos impele a todos à unidade. O ecumenismo procura, precisamente, através de diversos caminhos, fazer crescer esta comunhão até à unidade plena e visível de todos os seguidores de Jesus^[10]. É, por isso, um ato de justiça e de caridade reconhecer as riquezas de Cristo presentes em todas as pessoas que – por vezes chegando mesmo ao derramamento de sangue – dele dão testemunho.

Nesta semana pela unidade dos cristãos pedimos a Nosso Senhor Jesus Cristo que saibamos tornar próprios os seus anseios de unidade para a Igreja. Promovemos a unidade se nos deixarmos converter pessoalmente a Cristo ressuscitado, reproduzindo na nossa vida o seu modo de ser e de atuar, o seu desejo de ser escravo de todos (Mc 10, 44) para empreender um diálogo de caridade com os nossos irmãos. «O exemplo de Jesus Cristo leva-nos a dialogar; esse mesmo exemplo ensina-nos como temos de falar com os homens»^[11]. Ao longo deste oitavário perseveremos também na invocação ao Espírito Santo durante a santa Missa, para que nos «congregue na unidade»^[12] e assim todos «formemos em Cristo um só corpo e um só espírito»^[13]. Com confiança filial, deixamos os frutos espirituais desta semana de oração nas mãos de Maria, Mãe da Igreja, Mãe de todos os cristãos.

NOTAS

[1] Concílio Vaticano II, *Unitatis redintegratio*, n. 24.

[2] Bento XVI, Discurso, 19/08/2005.

[3] Bento XVI, Audiência geral, 23/01/2008.

[4] cf. Bento XV, *Romanorum Pontificum*, 25/02/1916.

[5] Bento XVI, Audiência geral, 23/01/2008.

[6] S. João Paulo II, *Ut unum sint*, n. 20.

[7] Bento XVI, Homilia, 25/01/2006.

[8] Francisco, Homilia, 25/01/2015.

[9] Concílio Vaticano II, *Unitatis redintegratio*, n. 3.

[10] cf. Bento XVI, Discurso, 26/01/2006.

[11] S. Josemaria, Carta 24/10/1965, n. 15.

[12] Oração eucarística II.

[13] Oração eucarística III.

Oitavário pela unidade dos cristãos (2º dia, 19 de janeiro)

Segunda reflexão sobre o oitavário pela unidade dos cristãos (19 de janeiro). Temas: A oração: centro de toda a tarefa ecuménica; Conversão pessoal para purificar a memória; Caminhos do ecumenismo: diálogo e trabalho em comum.

Sumário

- A oração: centro de toda a tarefa ecuménica.
- Conversão pessoal para purificar a memória.
- Caminhos do ecumenismo: diálogo e trabalho em comum.

JESUS, na véspera da Páscoa, reúne-se com os seus apóstolos no Cenáculo. O Senhor sabia que tinha chegado a sua hora. Já não voltará a sentar-se com eles à mesa nesta terra, mas esperá-los-á junto do Pai. O apóstolo S. João, presente naqueles momentos importantes, antes de relatar os acontecimentos dessa noite, descreve o ânimo de Jesus: «Amo os seus que estavam no mundo, amou-os até ao extremo» (Jo 13, 1). É precisamente este amor de Cristo – também por cada um de nós – que O levou a pedir ao seu Pai, minutos mais tarde, pela unidade dos seus discípulos ao longo dos séculos.

O ecumenismo – assinala S. Josemaria – supõe esse «desejo de dilatar o coração, de abri-lo a todos com as ânsias redentoras de Cristo, que a todos procura e a todos acolhe, porque a todos amou primeiro»^[1]. A unidade é uma manifestação da caridade: nasce da nossa união com Deus e transborda num amor que não cria fronteiras com os outros nem sabe dizer basta. Nós, cristãos, «sentimos o coração aumentado – dirá S. João Crisóstomo numa homilia –. Do mesmo modo que o calor dilata os corpos, assim também a caridade tem um poder dilatador, pois trata-se de uma virtude cálida e ardente»^[2]. Em consequência, como diz S. João Paulo II, «avança-se pelo caminho que conduz à conversão dos corações ao ritmo do amor que se

dedica a Deus e, ao mesmo tempo, aos irmãos: a todos os irmãos, inclusive àqueles que não estão em plena comunhão conosco. Do amor nasce o desejo de unidade, mesmo naqueles que sempre ignoraram tal exigência»^[3].

A sua união íntima com o Pai e a sede de almas levam Jesus a orar: «Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade» (Jo 17, 23). Ligados à oração de Jesus, este desejo de unidade convida-nos a rezar por todos os cristãos e com todos os cristãos. No caminho para a unidade, a primazia corresponde à oração, que é, sem dúvida, o coração de toda a tarefa ecuménica. «Se os cristãos, apesar das suas divisões, souberem unir-se cada vez mais em oração comum ao redor de Cristo, crescerá a sua consciência de como é reduzido o que os divide em comparação com aquilo que os une. Se se encontrarem sempre mais assiduamente diante de Cristo na oração, os cristãos poderão ganhar coragem para enfrentar toda a dolorosa realidade humana das divisões»^[4]. Esta oração em comum, como diz Bento XVI, «não é um ato voluntarista ou meramente sociológico, mas trata-se de uma verdadeira expressão da fé que une todos os discípulos de Cristo»^[5].

DIANTE do túmulo de S. Paulo, o Papa Francisco disse que uma autêntica procura da unidade supõe confiar-nos, em sincera oração, à misericórdia do Pai. Com uma atitude humilde pedimos perdão a Deus pelas nossas divisões, que são uma ferida aberta no Corpo de Cristo. Este mesmo desagravo estende-se a todos os nossos irmãos separados por qualquer comportamento não evangélico dos católicos no passado. Da mesma maneira nós desagravamos quando, hoje ou no passado, os católicos tenham sido ofendidos por outros cristãos. «Não podemos apagar o que aconteceu – continuava Francisco naquela ocasião –, mas não queremos permitir que o peso das culpas do passado continue a corromper as nossas relações»^[6].

É muito provável, como assinala o Concílio Vaticano II, às vezes as separações entre cristãos tenham surgido com a «responsabilidade de ambas as partes, mas os que agora nascem e se alimentam da fé de Jesus Cristo dentro dessas comunidades, não podem ser responsabilizados pelo pecado da separação, e a Igreja Católica abraça-os com fraterno respeito e amor»^[7].

O fundamento do compromisso ecuménico está na conversão dos corações. Desta maneira, com um coração novo, contemplaremos o passado com o olhar limpo de Cristo, e Ele conceder-nos-á a graça necessária para purificar a nossa memória, libertando-a de mal-entendidos e preconceitos.

Neste sentido, a vida de S. Paulo é um bom exemplo. A sua conversão «não foi uma passagem da imoralidade à moralidade – a sua moralidade era elevada –, de uma fé errada a uma fé reta – a sua fé era verdadeira, embora fosse incompleta – mas foi o ser conquistado pelo amor de Cristo: a renúncia à própria perfeição; foi a humildade de quem se coloca sem reservas ao serviço de Cristo pelos irmãos. E só nesta renúncia a nós mesmos, nesta conformidade com Cristo, podemos estar unidos também entre nós, podemos tornar-nos "um só" em Cristo»^[8]. Certamente, o empenho e a oração pela unidade não está só reservada àqueles que vivem em contexto de divisão; pelo contrário, no nosso diálogo pessoal com Deus não podemos pôr de lado esta preocupação. Com a segurança que nos dá a comunhão dos santos, pedimos em uníssono com os nossos irmãos de todo o mundo: «Que todos sejamos um».

A ORAÇÃO e a conversão pessoal são os nossos meios principais para trabalhar pela unidade dos cristãos. Inclusivamente poder-se-ia dizer que a melhor forma de ecumenismo consiste em viver segundo o Evangelho, para poder viver à imagem desse Cristo em quem nos desejamos congregar. Mas, ao mesmo tempo, devemos ter interesse verdadeiro em dialogar com os irmãos separados. Para isso, em primeiro lugar, é bom recordar que «a verdade é imposta apenas pela força dessa mesma verdade, que penetra ao mesmo tempo, com suavidade e firmeza, nas almas»^[9]. O autêntico diálogo ecuménico, que evita todas as formas de reducionismo, sincretismo ou acordo fácil, tem como fundamento o amor à verdade^[10]. Somente olhando a outra pessoa com os olhos de Jesus talvez possamos, graças a uma escuta atenta, descobrir pessoalmente aspetos da riqueza da mensagem cristã com uma nova clareza.

Juntamente com o diálogo, outro caminho muito eficaz para impulsionar a unidade dos cristãos é o trabalho em comum. São cada vez mais os espaços de colaboração ecuménica, especialmente no que se refere

a tornar presente o Evangelho na sociedade. S. Josemaria considerava que o espírito do Opus Dei, ao impulsionar a iniciativa pessoal no apostolado e no trabalho, pode ser fecundo a gerar «pontos de fácil encontro, onde os irmãos separados descobrem – feita vida, experimentada pelos anos – uma boa parte dos princípios doutrinários em que eles e nós, os católicos, pomos fundamentadas esperanças ecuménicas»^[11].

Temos assim dois caminhos para trabalhar a unidade: por um lado, a oração e a conversão do coração; por outro, o diálogo e a colaboração com outros cristãos. Confiantes na força da oração de toda a Igreja durante esta semana, acudamos com simplicidade a Maria. A sua docilidade ao Espírito Santo é um exemplo precioso para uma verdadeira atitude ecuménica.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amar a Igreja*, n. 11.

[2] S. João Crisóstomo, *Homilia sobre a segunda carta aos Coríntios*, 13, 1-2.

[3] S. João Paulo II, *Ut unum sint*, n. 21.

[4] S. João Paulo II, *Ut unum sint*, n. 22.

[5] Bento XVI, Homilia, 23/01/2008.

[6] Francisco, Homilia, 25/01/2016.

[7] Concílio Vaticano II, *Unitatis redintegratio*, n. 3.

[8] Bento XVI, Homilia, 25/01/2009.

[9] Concílio Vaticano II, *Dignitatis humanae*, n. 1.

[10] cf. S. João Paulo II, *Ut unum sint*, n. 36-38.

[11] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 22.

Oitavário pela unidade dos cristãos (3º dia, 20 de janeiro)

Terceira meditação sobre o oitavário pela unidade dos cristãos (20 de janeiro). Temas: Unidade dentro da Igreja; ordem da caridade; unidade na variedade.

- Unidade dentro da Igreja.
- Ordem da caridade.
- Unidade na variedade.

No INÍCIO dos Atos dos Apóstolos conta-se que os primeiros cristãos, imediatamente depois da Ascensão de Jesus, se «entregavam assiduamente à oração» (At 1, 14). E, um pouco mais adiante, ao descrever a vida daquela primeira comunidade, diz-se também que «A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum» (At 4, 32). No terceiro dia do oitavário pela unidade dos cristãos, de acordo com estas considerações da Sagrada Escritura, queremos meditar sobre uma das notas da Igreja: a sua unidade.

Justamente pensando nesta unidade que viviam os primeiros seguidores de Jesus, S. Josemaria recordava-nos que «faz parte essencial do espírito cristão não só viver em união com a Hierarquia ordinária – o Romano Pontífice e o Episcopado – como também sentir a unidade com os outros irmãos na fé. (...) É necessário atualizar essa fraternidade que os primeiros cristãos viviam tão profundamente. Assim nos sentiremos unidos, amando ao mesmo tempo a variedade das vocações pessoais»^[1]. Todos os batizados somos chamados a fomentar a unidade dentro da nossa Mãe a Igreja e a evitar tudo o que leve à divisão, porque «a unidade é sintoma de vida»^[2]. Esta tarefa irradia-se no Corpo de Cristo em círculos concêntricos: primeiro aprende-se a amar e viver a unidade na própria família, com os mais próximos; depois a unidade dentro da Igreja, amando os diversos carismas

suscitados pelo Espírito Santo; até desejar e buscar a unidade com os cristãos não católicos.

Esta coesão interior é um dom de Deus que se apoia também no nosso esforço pessoal por superar barreiras e eliminar obstáculos que a dificultem. Com os olhos fixos naquela unidade que viviam os primeiros cristãos, pedimos ao Senhor a graça de valorizar a variedade que podemos encontrar dentro da Igreja, através da qual esta «se apresenta como um organismo rico e vital, não uniforme, fruto do único Espírito que conduz todos à unidade profunda, assumindo as diversidades sem as abolir e realizando um conjunto harmonioso»^[3].

NAS CENAS do Evangelho vemos Cristo tratar com grupos muito diversos de pessoas: com mestres da Lei, com trabalhadores, com gente que se encontrava no meio de eventos religiosos e sociais dos seus arredores ou com grandes multidões a quem dirigia a sua pregação. Contudo, também somos testemunhas de que, por condições de espaço e de tempo, não trata a todas as pessoas com a mesma intensidade do ponto de vista humano. «Com frequência – diz-nos o Prelado do Opus Dei –, o Senhor dedica mais tempo aos Seus amigos»^[4]. Assim vemos, por exemplo, que passa várias tardes na casa de Betânia ou que se retira alguns momentos com os seus discípulos mais próximos.

De uma maneira semelhante, no anseio pela unidade entre todos os cristãos, não podemos perder de vista o que S. Tomás de Aquino chama *ordo caritatis*^[5], a ordem do amor, que nos leva a preocupar-nos em primeiro lugar pela unidade com os que nos foram confiados de maneira mais próxima na Igreja. S. Josemaria assinalava que na Obra «quisemos sempre bem aos não católicos: queremos bem a todas as almas do mundo! Mas com ordem, com a ordem da caridade. Em primeiro lugar, aos irmãos na fé»^[6]. Apoiava-se na epístola de S. Paulo aos Gálatas, quando o apóstolo exorta, precisamente, a procurar fazer o bem a todos, mas especialmente àqueles com quem compartilhamos a mesma fé (cf. Gal 6, 10).

A caridade autêntica é universal e, ao mesmo tempo, ordenada. Ao meditar sobre a unidade da Igreja é lógico que o nosso pensamento se dirija

em primeiro lugar à comunhão real que temos com os nossos irmãos na Obra, com quem nos unem fortes laços de fraternidade, começando com os que convivem na mesma casa. «Nada há entre vós que possa dividir-vos»^[7], exortava com insistência Santo Inácio de Antioquia, consciente de que esta unidade, vivida segundo o exemplo de Cristo, nos faz felizes e atrai as outras pessoas.

S. PAULO, depois de falar aos cristãos de Corinto da radical igualdade de todos os membros do Corpo Místico de Cristo, continua: «Deus, porém, dispôs os membros no corpo, cada um conforme lhe pareceu melhor. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? (...). Porventura são todos apóstolos? São todos profetas? São todos mestres? Fazem todos milagres? Possuem todos o dom das curas? Todos falam línguas? Todos as interpretam?» (1 Co 12, 18-19.28-30). A Igreja exerce a sua missão através de todos os seus filhos, embora de diversas maneiras; de todos necessita para levar a cabo os planos divinos.

A grande variedade de vocações e carismas que existe «na Igreja é riqueza múltipla do Corpo Místico, dentro da sua divina unidade: um só Corpo, com uma só Alma; um só pensar, um só coração, um só sentir, uma só vontade, um só querer. Mas uma multidão de órgãos e membros»^[8]. Dentro da pluralidade admirável que manifesta a unidade da Igreja, o Senhor quis incluir modos diversos de servir. O Concílio Vaticano II assinala em concreto que «por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais»^[9].

Por isso, «seria um grande erro confundir a unidade com a uniformidade, e insistir - por exemplo - na unidade da vocação cristã, sem considerar ao mesmo tempo, a diversidade de vocações e missões específicas, que cabem dentro daquela chamada geral e que desenvolvem os seus múltiplos aspetos para o serviço de Deus»^[10]. «É importante – insistia S. Josemaria – que cada um procure ser fiel à sua vocação divina, de tal maneira que não deixe de trazer à Igreja aquilo que leva consigo o carisma recebido de Deus»^[11].

A primeira comunidade cristã em Jerusalém perseverava unida na oração e na caridade «*cum Maria, Matre Iesu*» (At 1, 14). À volta de Nossa Senhora, também a Igreja do nosso tempo crescerá em unidade se vivemos unidos aos nossos irmãos e cada um procura viver fielmente a missão recebida.

NOTAS

- [1] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 61.
- [2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 940.
- [3] Bento XVI, *Angelus*, 24/01/2010.
- [4] Fernando Ocáriz, *Carta*, 01/11/2019, n. 2.
- [5] S. Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-II, q. 26.
- [6] S. Josemaria, *Instrucción*, maio de 1935 / 14 de setembro de 1950, nota n. 151.
- [7] Sto. Inácio de Antioquia, *Epistola ad Magnesios*, 6, 2.
- [8] S. Josemaria, *Carta* 15/08/1953, n. 3.
- [9] Concílio Vaticano II, *Lumen gentium*, n. 31.
- [10] S. Josemaria, *Carta* 15/08/1953, n. 4.
- [11] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 61.

Sumário

Oitavário pela unidade dos cristãos (4º dia, 21 de janeiro)

Quarta meditação do oitavário pela unidade dos cristãos (21 de janeiro) Temas: A Igreja é santa pela sua origem e fins; luta pela santidade nos seus membros; os santos são vínculo de unidade

Sumário

- A Igreja é santa pela sua origem e fins.
- Luta pela santidade nos seus membros.
- Os santos são vínculo de unidade.

A IGREJA foi querida e fundada por Cristo, cumprindo assim a vontade de seu Pai. Além disso, é assistida continuamente pelo Espírito Santo. Ou seja, trata-se de uma ação contínua da Trindade Santíssima. Sobre esta realidade – a sua origem trinitária – se fundamenta a segunda nota da Igreja, que consideraremos neste quarto dia do oitavário pela unidade dos cristãos: a sua santidade. O Papa Francisco assinala que a confiança na santidade da Igreja «é uma característica presente desde o início na consciência dos primeiros cristãos, que se chamavam simplesmente «santos» (cf. At 9, 13.32.41; Rm 8, 27; 1Cor 6, 1), pois tinham a certeza de que é a ação de Deus, o Espírito Santo, que santifica a Igreja»^[1].

Efetivamente, a Igreja é santa porque procede de Deus, que é santo. A Igreja é santa porque é santo Jesus Cristo Nosso Senhor, que por meio do seu sacrifício na cruz «amou a Igreja e Se entregou por ela, para a santificar» (Ef 5, 25-26). É santa porque é conduzida pelo Espírito Santo, fonte inesgotável da sua santidade, que foi enviado «no dia de Pentecostes a fim de santificar indefinidamente a Igreja»^[2]. Também dizemos que é santa porque o seu fim é a glória de Deus e porque busca a verdadeira felicidade do ser humano. Por último, a Igreja é santa porque também o são os meios que emprega para conseguir o seu fim: a Palavra de Deus e os Sacramentos.

Toda esta consoladora realidade da Igreja não nos oculta, no entanto, que apesar da sua origem trinitária e dos seus meios salvíficos, a sua santidade visível pode ser obscurecida pelos pecados dos seus filhos. S. Josemaria fazia-nos notar que a Sagrada Escritura «aplica aos cristãos o título de *gens sancta* (1Pe 2, 9), povo santo, composto por criaturas com misérias: esta aparente contradição marca um aspeto do mistério da Igreja»^[3]. Considerar a beleza do Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja, e de todas as razões pelas quais é santa, pode impelir-nos a renovar os nossos desejos de manifestar, na nossa vida, essa luz da sua santidade de origem, de meios e de fins.

É NECESSÁRIO um olhar de fé perante o mistério da Igreja. «Demonstraria pouca maturidade – assinalava S. Josemaria, referindo-se a esta essencial visão sobrenatural – quem, ao encontrar defeitos e misérias em qualquer dos membros da Igreja – por mais alto que seja o seu posto em virtude da sua função – sentisse diminuir a sua fé na Igreja e em Cristo. A Igreja não é governada por Pedro, nem por João, nem por Paulo; é governada pelo Espírito Santo, e o Senhor prometeu que permanecerá a seu lado *todos os dias, até à consumação dos séculos* (Mt 28, 20)»^[4].

Contudo, é normal que as pessoas que pretendem aproximar-se da Igreja se fixem nos seus membros, que são chamados a encarnar a mensagem de alegria que nos foi confiada. É verdade que muitas vezes nós mesmos, os católicos, não soubemos refletir a santidade da nossa Mãe, a Igreja, e «escondemos mais do que revelámos o autêntico rosto de Deus»^[5]. A nossa fé na santidade da Igreja leva-nos a pedi-la com maior insistência ao Senhor para cada um de nós, reconhecendo-nos profundamente necessitados da sua ajuda. Como salientava Bento XVI durante um encontro ecuménico, a nossa santidade de vida deve ser o coração do encontro e do movimento ecuménico^[6].

Neste sentido, os defeitos dos membros da Igreja – as nossas próprias faltas e os nossos pecados – fomentam os nossos desejos de conversão pessoal e levam-nos a reparar e rezar com maior insistência. Tudo isto sem perder de vista que a santidade da Igreja se encontra, principalmente, no próprio Cristo. «A Igreja Católica sabe que, em virtude do apoio que lhe

vem do Espírito, as debilidades, as mediocridades, os pecados e por vezes as traições de alguns dos seus filhos, não podem destruir o que Deus infundiu nela em virtude do seu desígnio de graça»^[7]. Por isso, com uma firme confiança nos desígnios de Deus, S. Josemaria recordava-nos que «a nossa Mãe é Santa, porque nasceu pura e continuará sem mácula por toda a eternidade. Se por vezes não sabemos descobrir o seu rosto formoso, limpemos os nossos olhos; se notamos que a sua voz não nos agrada, tiremos dos nossos ouvidos a dureza que nos impede de ouvir, no devido tom, os silvos do pastor amoroso»^[8].

É FONTE de esperança saber que «ao longo da História, e também na atualidade, tem havido tantos católicos que efetivamente se santificaram: jovens e idosos, solteiros e casados, sacerdotes e leigos, homens e mulheres. Mas sucede que a santidade pessoal de tantos fiéis – dantes e agora – não é algo aparatoso. Com frequência não a reconhecemos na gente comum, corrente e santa, que trabalha e convive no meio de nós»^[9]. A santidade é o rosto mais belo da Igreja e resplandece, discretamente, em muitas pessoas que nos rodeiam: nos que se esforçam por servir e tornar a vida mais agradável aos outros; nos que trabalham infatigavelmente para conseguir o imprescindível para as suas famílias; nos que dão um importante testemunho de fé ao suportar com paz muitas dificuldades, a doença ou a velhice. Todos estes esforços, ainda que permaneçam invisíveis, são uma verdadeira força da Igreja, também para impulsionar a sua unidade.

Simultaneamente, muitos cristãos já foram beatificados ou canonizados e servem-nos de estímulo aos que ainda estamos a caminho. Fazendo parte da mesma Igreja, sendo membros de um mesmo Corpo, essa multidão de santos protege-nos e conduz-nos^[10]. Entre eles encontram-se muitos que, por inspiração divina, se empenharam de diferentes modos em impulsionar a unidade entre todos os cristãos: S. John Henry Newman que, antes da sua conversão, foi anglicano; Sta. Elizabeth Hesselblad da Suécia que, pertencendo a uma família luterana, refundou a ordem das Brigittinas; S. Josafat, ucraniano, que morreu buscando a unidade dos cristãos em terras eslavas; a Beata Maria Sagheddu, que ofereceu a sua vida a Deus pela unidade dos cristãos, morrendo aos vinte e cinco anos perto de Roma; S. João Paulo II, que durante o seu pontificado foi um infatigável lutador pelo

ecumenismo; e tantos mártires, católicos e não católicos, que testemunharam juntos a sua fé, como sucedeu no Uganda com o catequista Carlos Lwanga e os seus companheiros. A descoberta de exemplos de santidade, também entre os nossos irmãos separados, será um inestimável impulso na busca da unidade.

O Concílio Vaticano II, precisamente na sua Constituição Dogmática sobre a Igreja, salienta que os seus membros, ao sentirem-se chamados a promover a unidade, «lutam ainda por crescer em santidade, vencendo inteiramente o pecado, e por isso levantam os olhos para Maria, que resplandece como modelo de virtudes para toda a comunidade dos eleitos»^[11]. Amar Maria, *Mater Ecclesiae*, Mãe da Igreja, levar-nos-á a amar mais a Igreja. Ela nos ensinará a sentirmo-nos responsáveis pela santidade de todos os membros do Corpo Místico de Cristo, caminho imprescindível para se alcançar a unidade entre todos os cristãos.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência geral, 02/10/2013.

[2] Concílio Vaticano II, *Lumen gentium*, n. 4.

[3] S. Josemaria, *Amar a Igreja*, n. 6.

[4] S. Josemaria, *Amar a Igreja*, n. 7.

[5] Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 19.

[6] cf. Bento XVI, Discurso, 19/08/2005.

[7] S. João Paulo II, *Ut unum sint*, n. 11.

[8] S. Josemaria, *Amar a Igreja*, n. 8.

[9] *Ibid.*, n. 5.

[10] cf. Bento XVI, Homilia, 24/04/2005.

[11] Concílio Vaticano II, *Lumen gentium*, n. 65.

Oitavário pela unidade dos cristãos (5º dia, 22 de janeiro)

Quinta meditação do oitavário pela unidade dos cristãos (22 de janeiro). Temas: A Igreja é católica e universal por natureza; um sinal de catolicidade é a diversidade no campo do opinável; o zelo pelas almas deve levar-nos a fazer-nos tudo para todos.

Sumário

- A Igreja é católica e universal por natureza.
- Um sinal de catolicidade é a diversidade no campo do opinável.
- O zelo pelas almas deve levar-nos a fazer tudo para todos.

S. JOSEMARIA tinha uma devoção especial pelo Credo, no qual saboreava a sua pertença à Igreja e, portanto, a sua relação com Deus. Quando chegava esse momento durante a Santa Missa, ou ao visitar a Basílica de S. Pedro, repetia-o com particular recolhimento, que faz pensar no carácter autobiográfico daquele ponto do Caminho: «*Et unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam!*... – Compreendo essa tua pausa, quando rezas, saboreando: creio na Igreja, Una, Santa, Católica e Apostólica...»^[1]. Neste quinto dia do oitavário, meditaremos sobre o carácter católico e universal da Igreja.

Jesus ressuscitado, quando está prestes a terminar a sua passagem pela terra, reúne os onze antes da Ascensão aos céus e diz-lhes: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 16-20). De facto, dez dias depois, ao receber o dom do Espírito Santo no Pentecostes, os apóstolos saem para as ruas de Jerusalém, e depois para todos os caminhos da terra, para proclamar o evangelho do Senhor. Naquele dia, as línguas «de

todas as nações que estão debaixo do céu foram ouvidas na cidade de David» (At 2, 5).

A Igreja é católica porque foi enviada por Nosso Senhor a todas as pessoas da terra; «a meta final dos enviados de Jesus é universal»^[2]. O Concílio Vaticano II descreve o mandato do Senhor com estas palavras: «Todos os homens são convidados ao povo de Deus. Por isso este povo, uno e único, há de espalhar-se pelo mundo por todos os séculos»^[3].

Nesse sentido, S. Josemaria afirmava que, embora a extensão geográfica alcançada pela Igreja Católica seja um sinal visível da sua universalidade, «a Igreja já era Católica no Pentecostes; nasce católica do coração ferido de Jesus, como um fogo que o Espírito Santo inflama»^[4]. Faz parte da nossa vida de fé cuidar da nossa própria catolicidade: rezar pelos nossos irmãos na fé nos cinco continentes; desejar que o nome de Jesus seja conhecido e amado em todos os cantos da terra; experimentar como nossas as dificuldades que a Igreja passa em lugares muito diferentes e talvez longínquos de nós. Tudo isso também faz parte do nosso relacionamento com Jesus Cristo, «porque a santidade não admite fronteiras»^[5].

NOS ANOS após o Pentecostes, a mensagem de Jesus Cristo começa a espalhar-se pelas nações do Mediterrâneo. Chegam à Igreja naquele momento os primeiros cristãos que vêm do mundo pagão. Para garantir a unidade, os apóstolos reunidos no Concílio de Jerusalém deixaram um critério de liberdade: para os convertidos fora do povo judeu, decidiram não impor «mais cargas do que as necessárias» (At 15, 28). Entenderam que a vida da Igreja se destina, acima de tudo, a oferecer a simplicidade do Evangelho e o encontro pessoal com Jesus.

Precisamente pela sua catolicidade, a Igreja defende e promove a variedade legítima em tudo o que Deus deixou à livre iniciativa dos homens. Na Obra, aprendemos desde o início não só a respeitar a diversidade, mas também a promovê-la ativamente. «Como consequência do fim exclusivamente divino da Obra, o seu espírito é um espírito de liberdade, de amor à liberdade pessoal de todos os homens. E como esse amor à liberdade é sincero e não uma mera afirmação teórica, amamos a

consequência necessária da liberdade: isto é, o pluralismo. No Opus Dei, o pluralismo é desejado e amado, não é simplesmente tolerado e, de modo algum, é dificultado»^[6].

Este pluralismo será uma característica da mensagem de S. Josemaria, pois incentiva a levar ao calor de Cristo todos os cantos da terra e a todas as atividades humanas. É por isso que o Prelado do Opus Dei salienta que «quem ama a liberdade consegue ver o que tem de positivo e amável o que os outros pensam»^[7]; e insiste que «valorizar quem é diferente ou pensa de maneira diferente é uma atitude que denota liberdade interior e mente aberta»^[8]. «A partir dessa liberdade – diz S. Josemaria – nascerá um saudável sentido de responsabilidade pessoal (...) e sabereis não apenas renunciar à vossa opinião, quando virdes que não corresponde bem à verdade, mas também aceitar outro critério, sem vos sentirdes humilhados, por terdes mudado de parecer»^[9].

CONTRIBUIR para a expansão da Igreja, espalhar por toda parte a Boa Nova de Cristo, é o resultado de uma entrega generosa. No entanto, sabemos que esses esforços serão transformados depois na alegria de ter levado felicidade aos outros. Portanto, não nos conformamos com chegar só a alguns, nem apenas àqueles que seguem uma série de condições: o nosso afã apostólico leva-nos a falar do Senhor ao mundo inteiro. «Ajuda-me a pedir um novo Pentecostes – animava-nos S. Josemaria – que abrase outra vez a Terra»^[10].

S. Paulo é considerado o apóstolo do povo porque espalhou a fé entre pessoas muito diversas, sem excluir ninguém. Ele mesmo resume a sua experiência evangelizadora: «De facto, embora livre em relação a todos, fiz-me servo de todos, para ganhar o maior número (...). Fiz-me fraco com os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a qualquer custo» (1Co 9, 19-23). No meio das grandes perseguições que afetaram a vida da Igreja nos seus primórdios, os cristãos aproveitaram a dispersão obrigatória para espalhar a fé por todas as regiões vizinhas, cientes da catolicidade do Evangelho. Como afirma o Papa Francisco, graças ao vento da perseguição «os discípulos foram mais além com a semente da palavra e semearam a palavra de Deus»^[11]. Do mesmo modo,

como fizeram os primeiros cristãos, S. Josemaria incentivava-nos a não nos deixarmos derrotar pelo nosso conforto e acompanhar as pessoas ao nosso redor: «O cristão há de mostrar-se sempre disposto a conviver com todos, a dar a todos - pela maneira de lidar com os outros - a possibilidade de se aproximarem de Cristo Jesus. (...) O cristão não pode separar-se dos outros»^[12].

Para estender a Igreja a todos os ambientes, é importante aprofundar os fundamentos da nossa fé. Desta maneira, aprenderemos a comunicá-la na íntegra e, ao mesmo tempo, saberemos como levá-la a cada uma das pessoas, tomando em consideração o seu modo de ser e a sua cultura. «Quando o cristão compreende e vive a catolicidade, quando adverte a urgência de anunciar a Boa Nova de salvação a todas as criaturas, sabe que, como ensina o Apóstolo, tem de fazer-se “tudo para todos, para salvar todos”»^[13].

Terminamos a nossa oração pedindo a Santa Maria, que olha para todos como filhos, que nos ajude a tornar Jesus Cristo conhecido em todos os ambientes em que nos encontramos. Pedimos que nos ensine a aproveitar as oportunidades que o trabalho e as relações sociais e familiares nos dão para deixar a alegria de Deus em muitos corações.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Caminho*, n. 517.

[2] Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, Parte II, p. 323.

[3] Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, n. 13.

[4] S. Josemaria, *Lealdade à Igreja*, n. 9.

[5] *Ibid.*

[6] S. Josemaria, *Entrevistas com o Fundador do Opus Dei*, n. 67.

[7] Fernando Ocáriz, *Carta*, 09/01/2018, n. 13.

[8] Fernando Ocariz, *Carta*, 01/11/2019, n. 13.

[9] S. Josemaria, *Carta* 09/01/1951, n. 23-25.

[10] S. Josemaria, *Sulco*, n. 213.

[11] Francisco, Homilia, 19/04/2018.

[12] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 124.

[13] S. Josemaria, *Forja*, n. 953.

Oitavário pela unidade dos cristãos (6º dia, 23 de janeiro)

Sexta meditação do oitavário pela unidade dos cristãos cristãos (23 de janeiro). Temas: Cristo quis fundar a Igreja sobre os apóstolos; todos os cristãos somos chamados a ser apóstolos; apostolado ad fidem e ad gentes.

Sumário

- Cristo quis fundar a Igreja sobre os apóstolos.
- Todos os cristãos somos chamados a ser apóstolos.
- Apostolado *ad fidem* e *ad gentes*.

O LIVRO dos Atos dos Apóstolos, depois de narrar a vinda do Espírito Santo, sob a forma de línguas de fogo, sobre os discípulos reunidos em Jerusalém, regista uma característica compartilhada pelos primeiros cristãos: «Perseveravam na doutrina dos apóstolos» (At 2, 42) Hoje consideramos na nossa oração a última propriedade da Igreja: a sua apostolicidade.

S. Josemaria ressalta que «a pregação do Evangelho não surge na Palestina pela iniciativa pessoal de umas tantas pessoas fervorosas. Que podiam fazer os Apóstolos? Não valiam absolutamente nada no seu tempo; não eram ricos, nem cultos, nem heróis do ponto de vista humano. Jesus lança sobre os ombros deste punhado de discípulos uma tarefa imensa, divina. «Não fostes vós que me escolhestes, mas fui Eu que vos escolhi a vós, e que vos destinei para que vades e deis fruto, e para que o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo o que pedirdes a meu Pai em Meu nome, Ele vo-lo conceda» (Jo, 15, 16).

Através de dois mil anos de história, a sucessão apostólica é preservada na Igreja. Os bispos – declara o Concílio de Trento – sucederam aos apóstolos e são colocados, como o próprio apóstolo (Paulo) diz, pelo Espírito Santo para governar a Igreja de Deus (cf. At 20, 28)»^[1]. S. Paulo também, escrevendo aos de Éfeso, um povo que adorava deuses fabricados

com as mãos, lembra-lhes que, tendo sido batizados em nome de Cristo, se tornaram «concidadãos dos santos e familiares de Deus, edificados sobre o cimento dos apóstolos» (Ef 2, 19).

Nós, como os primeiros cristãos, apoiámo-nos nesse mesmo fundamento. Através da sucessão apostólica, a segurança de continuar a trabalhar para Deus é mantida ao longo do tempo, ouvindo o envio do próprio Jesus Cristo: «Ide e fazei discípulos de todas as nações» (Mt 28, 19). Além disso, é assim que se preserva e transmite com segurança as palavras ouvidas pelos próprios apóstolos: «Toma como modelo as suas palavras que ouviste de mim» (2 Tim 1, 13). Hoje podemos agradecer ao Senhor a apostolicidade da Igreja e orar para que todos os cristãos se unam – em virtude da sua origem divina – no único povo de Deus.

«SEMPRE que lemos os Atos dos Apóstolos - disse S. Josemaria -, somos movidos pela audácia, a confiança na sua missão e a alegria sacrificada dos discípulos de Cristo. Eles não pedem multidões. Embora as multidões venham, dirigem-se a cada alma em concreto, a cada homem, um por um: Filipe, ao etíope (cf. At 8, 26-40); Pedro ao centurião Cornélio (cf. At 10, 1-48); Paulo a Sérgio Paulo (cf. At 13, 6-12)»^[2]. Para entender a apostolicidade da Igreja, é necessário participar desse fervor dos primeiros discípulos, que trabalharam com a consciência de terem descoberto em Cristo a coisa mais importante das suas vidas. S. Paulo chega a dizê-lo com palavras inflamadas: «Por causa d'Ele, tudo perdi e considero esterco, a fim de ganhar a Cristo» (Flp 3, 8).

O Papa Francisco sublinha que «ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho. Nesta pregação, sempre respeitosa e amável, o primeiro momento é um diálogo pessoal, no qual a outra pessoa se exprime e partilha as suas alegrias, as suas esperanças, as preocupações com os seus entes queridos e muitas coisas que enchem o coração»^[3]. Todo o cristão, no lugar em que está, é a presença da própria Igreja que deseja espalhar a sua alegria e a sua luz no mundo. Participar da transmissão do Evangelho une-nos a essa tarefa

das primeiras vezes; faz-nos experimentar a apostolicidade da Igreja, baseada nas palavras e na vida de Jesus Cristo.

S. Josemaria adverte que os apóstolos sempre mantiveram essa ânsia missionária porque «tinham aprendido do Mestre. Recordai aquela parábola dos operários que aguardam trabalho, no meio da praça da aldeia. Quando o dono da vinha foi à procura de empregados, com o dia já bem entrado, descobriu que ainda havia homens sem fazer nada: “porque estais aqui todo o dia ociosos? Eles responderam: porque ninguém nos contratou” (Mt 20, 6-7). Isto não deve suceder na vida do cristão; não deve encontrar-se ninguém à sua volta que possa afirmar que não ouviu falar de Cristo, porque ninguém lh'O anunciou»^[4]. O apostolado para um cristão não é uma tarefa limitada a um tempo limitado, nem uma atividade reservada apenas para determinadas situações: um cristão é sempre um apóstolo^[5].

ESTE SENTIDO de missão, nascido do batismo, também era uma característica do trabalho de almas que S. Josemaria promoveu desde o início. Por isso, afirmou, com uma verdade endossada por muitos anos, que «a Obra ama com predileção o apostolado *ad fidem* (...) e dirige os seus cuidados *ad gentes*», isto é, a todos aqueles que ainda não alcançaram o consolo de Cristo. «Sabeis bem – disse-nos noutra momento – a abertura de visão, a caridade que sempre mostramos àqueles que não compartilham a nossa fé, com aqueles que não estão na Igreja Una, Santa, Católica, Apostólica e Romana. Desde o começo, temos essas almas como amigas e tantas vezes como cooperadoras no nosso trabalho apostólico»^[6].

O modelo de abertura a todas as pessoas sempre foi a vida dos primeiros cristãos. A partir de Jerusalém, espalharam-se por todas as culturas, nações e línguas conhecidas, seguindo o mandato que Jesus Cristo havia dado aos seus discípulos: «Ide e fazei discípulos» (Mt 28, 19). Assim, com o passar dos séculos, «muitas almas alcançaram a plenitude da fé – dizia S. Josemaria –, por este suavíssimo caminho de caridade. Agradecei-o a Deus e pedi-Lhe fortaleza e humildade para que nunca atrapalheis a ação da graça, para ser sempre bons instrumentos Seus. Repito: nunca julgueis imprudentemente, sede bons amigos de todos, respeitai a liberdade dos

outros e a liberdade da graça; e, ao mesmo tempo, confessai a vossa fé com obras e com palavras»^[7].

Com a nossa sincera amizade aberta a todos, «não existem tempos compartilhados que não sejam apostólicos: tudo é amizade e tudo é apostolado, sem distinção»^[8]. Confiando na intercessão dos apóstolos, queremos, como os primeiros cristãos, perseverar na sua doutrina e nos seus anseios de levar a amizade de Cristo àqueles que nos rodeiam. Pedimos a Maria, Rainha dos Apóstolos, que nos ajude a agradecer e valorizar, sempre de uma maneira nova, a apostolicidade da Igreja. E, ao mesmo tempo, que acenda os nossos corações com o fogo de Cristo: «*Fac ut ardeat cor meum in amando Christum Deum*»^[9].

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Lealdade à Igreja*, n. 12.

[2] *Ibid.*

[3] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 128.

[4] S. Josemaria, *Lealdade à Igreja*, n. 15.

[5] cf. Fernando Ocáriz, Carta, 14/02/2017, n. 9.

[6] S. Josemaria, *Instrucción*, maio de 1935 / 14 de setembro de 1950, n. 146.

[7] S. Josemaria, *Carta* 24/10/1965, n. 56 e 62.

[8] Fernando Ocáriz, Carta, 01/11/2019, n. 19.

[9] Hino *Stabat Mater*.

Oitavário pela unidade dos cristãos (7º dia, 24 de janeiro)

Sétima meditação do oitavário pela unidade dos cristãos (24 de janeiro). Temas: Cristo escolhe S. Pedro e os seus sucessores; o Romano Pontífice afirma a catolicidade na unidade; a união ao Papa é também união ao seu magistério.

Sumário

- Cristo escolhe S. Pedro e os seus sucessores.
- O Romano Pontífice afirma a catolicidade na unidade.
- A união ao Papa é também união ao seu magistério.

JESUS dedica os três anos da sua vida pública a anunciar pelo território de Israel a chegada do Reino dos Céus. Fá-lo com a sua pregação, com milagres e com a sua própria presença. Em determinado momento, perante o endurecimento de alguns chefes do povo, decidiu retirar-se com os apóstolos para as regiões limítrofes. Estas viagens são consideradas um prelúdio da universalidade do Evangelho. É justamente em Cesareia de Filipe que o Senhor publicamente, diante dos seus, diz a Pedro: «Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela» (Mt 16, 18). Naquele momento, tratava-se de uma promessa futura; faltava ainda chegar a Paixão e Morte, a traição de Pedro e a cobardia dos restantes apóstolos. Jesus ressuscitado, numa conversa junto do lago depois da pesca milagrosa dos cento e cinquenta e três grandes peixes, retoma o que tinha começado a dizer a Pedro tempos atrás. Aí incumbe-o oficialmente de uma tarefa especial dentro do grupo que escolhera: «Apascenta os meus cordeiros. (...) Apascenta as minhas ovelhas» (Jo 21, 15-16).

Bento XVI recorda que, efetivamente, S. Pedro «começou o seu ministério em Jerusalém, depois da Ascensão do Senhor e do Pentecostes». Mais tarde, dirigiu-se a Antioquia, que era a terceira cidade mais importante

do Império romano, e «dali, a Providência conduziu Pedro até Roma. (...). Por isso a sede de Roma, que tinha recebido a maior honra, acolheu também o ónus confiado por Cristo a Pedro, de se colocar ao serviço de todas as Igrejas particulares, para a edificação e a unidade de todo o Povo de Deus»^[1].

A instituição do Primado realça que o Reino fundado por Jesus Cristo não é uma utopia, mas uma realidade presente já neste mundo, sob a forma de uma sociedade visível, formada obviamente por pessoas cheias de defeitos. No entanto, Cristo prometeu que a sua graça não faltaria a quem tivesse de o representar na terra ao longo dos séculos: «Olha que Satanás pediu para vos joeirar como trigo. Mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desapareça. E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos» (Lc 22, 31-32). Ao considerar esta realidade, não nos surpreende a emoção filial de S. Josemaria ao chegar a Roma. Em 23 de junho de 1946, ao avistar do carro a cúpula de S. Pedro comoveu-se visivelmente e rezou o Credo em voz alta. Também, na pequena varanda da casa em que estavam alojados junto do Vaticano, passou essa primeira noite romana em vigília de oração pela Igreja e pelo romano Pontífice. «Pensai com quanta confiança rezei pelo Papa (...) contemplando as janelas dos aposentos pontifícios». S. Josemaria repetia continuamente que «o amor ao romano Pontífice há de ser em nós uma formosa paixão, porque nele vemos a Cristo»^[2].

UM DOS episódios mais importantes narrados nos Atos dos Apóstolos é o batismo de Cornélio, militar romano, que se torna cristão juntamente com a família. S. Pedro, convidado para a casa do soldado, onde estavam reunidos muitos parentes e amigos, declarou: «Mas Deus mostrou-me que não se deve chamar profano ou impuro a homem algum» (At 10, 28). Depois de responder a algumas perguntas, acrescentou: «Reconheço, na verdade, que Deus não faz aceção de pessoas, mas que, em qualquer povo, quem o teme e põe em prática a justiça, lhe é agradável» (At 10, 34). Trata-se do primeiro discurso de S. Pedro dirigido a pessoas não judias. A meio da sua explicação, para surpresa de todos, desceu o Espírito Santo sobre os que ali estavam reunidos. Comentando este passo, afirma S. Jerónimo: «Batizado aquele pelo Apóstolo, consagrou a salvação dos gentios»^[3].

Desde os primeiros momentos da expansão do cristianismo, a missão de Pedro foi unir os seus irmãos e afirmar a catolicidade da Igreja fundada por Cristo, a si confiada como o seu princípio visível. Neste sentido, Bento XVI indica que «o caminho de S. Pedro para Roma, como representante dos povos do mundo, insere-se sobretudo sob a palavra "una": a sua tarefa consiste em criar a *unidade* da *catholica*, da Igreja formada por judeus e pagãos, da Igreja de todos os povos. E esta é a missão permanente de Pedro: fazer com que a Igreja nunca se identifique com uma só nação, com uma única cultura nem com um só Estado. Que seja sempre a Igreja de todos. Que reúna a humanidade para além de todas as fronteiras e, no meio das divisões deste mundo, torne presente a paz de Deus e a força reconciliadora do seu amor»^[4].

Jesus, ao instituir uma cabeça visível para a sua Igreja peregrina na terra, não estava a encerrar os seus seguidores num grupo ensimesmado. Pelo contrário. O Sumo Pontífice, sucessor de S. Pedro, que preside a todos na caridade, vela para que os chamados a seguir Cristo tenham a certeza de escutar a sua Palavra em qualquer lugar em que se encontrarem. Pedro e os outros apóstolos, o Papa e os bispos em comunhão com ele, constituem uma garantia para a transmissão da verdadeira Igreja de Cristo. Ao princípio, fazia-o com os gentios do Império romano; hoje, com todas as nações da terra. «Venero com todas as minhas forças a Roma de Pedro e de Paulo, escreveu S. Josemaria, banhada pelo sangue dos mártires, centro donde tantos saíram para propagar por todo o mundo a palavra salvadora de Cristo. Ser romano não implica nenhum particularismo, mas ecumenismo autêntico. Representa o desejo de dilatar o coração, de abri-lo a todos com as ânsias redentoras de Cristo, que a todos procura e a todos acolhe, porque a todos amou primeiro»^[5].

S. PAULO, nos meses e anos posteriores à revelação de Damasco, aprofunda com audácia no mistério de Cristo, chegando a reconhecer-se a si próprio como apóstolo. Contudo, chama muito a atenção que, decorridos uns anos de tarefa apostólica viaje para ver Pedro, chefe da Igreja, e para confrontar com ele a sua doutrina: «Subi a Jerusalém, para conhecer a Cefas, – escreve aos Gálatas – e fiquei com ele durante quinze dias (...). Catorze anos depois, subi outra vez a Jerusalém, com Barnabé, levando

comigo também Tito. Mas subi devido a uma revelação. E pus à apreciação deles – e, em privado, à dos mais considerados – o Evangelho que prego entre os gentios, não esteja eu a correr ou tenha corrido em vão» (Gal 1, 18; 2, 1-2). Desde as origens da Igreja, os cristãos viram em Pedro – e nos seus sucessores – a garantia de unidade, também na articulação doutrinal do Evangelho que transmitiam.

Nessa linha – afirma S. Josemaria –, «não pode haver outra disposição num católico: defender "sempre" a autoridade do Papa; e estar "sempre" docilmente decidido a retificar a opinião, ante o Magistério da Igreja»^[6]. E, como é natural, esse desejo de fidelidade deve concretizar-se, entre outras coisas, em «conhecer o pensamento do Papa, manifestado em Encíclicas ou noutros documentos, fazendo tudo o que estiver ao nosso alcance para que todos os católicos acolham o magistério do Padre Santo e acomodem a esses ensinamentos a sua atuação na vida»^[7]. Por isso, procuraremos que a nossa união ao sucessor de Pedro seja uma união afetiva e efetiva; não só seguindo com inteligência as suas indicações e o seu magistério, mas procurando também desvendar, com profundidade, o que o Espírito Santo quer entregar ao mundo através da sua pessoa.

«*Ubi Petrus, ibi Ecclesia, ibi Deus*»^[8], costumava repetir S. Josemaria. «Queremos estar com Pedro, porque com ele está a Igreja, com ele está Deus; e, sem ele, não está Deus. Por isso, eu quis romanizar a Obra. Amai muito o Santo Padre. Rezai muito pelo Papa. Querei-lhe muito, querei-lhe muito! Porque necessita de todo o carinho dos seus filhos»^[9]. Parte importante e necessária do nosso trabalho apostólico é unir os cristãos a quem o Espírito Santo colocou em cada momento histórico à frente do Povo de Deus. Todos, com Pedro, levaremos almas a Jesus, com a mediação maternal de Maria. A ela, Mãe da Igreja, pedimos que, como no Pentecostes, nos reúna à sua volta e aproxime com laços estreitos todos os discípulos do seu Filho. Rogamos especialmente pelo dom de uma comunhão afetiva e efetiva com o *Doce Cristo na terra*, expressão utilizada por Santa Catarina de Sena para se referir ao sucessor de Pedro.

NOTAS

- [1] Bento XVI, Audiência general, 22/02/2006.
- [2] S. Josemaria, *Lealdade à Igreja*, n.13.
- [3] S. Jerónimo, *Epístola 79*, 2.
- [4] Bento XVI, Homilia, 29/06/2008.
- [5] S. Josemaria, *Lealdade à Igreja*, n. 11.
- [6] S. Josemaria, *Forja*, n. 581.
- [7] *Ibid.*, n. 633.
- [8] Sto. Ambrósio, *In Ps. 40*, 30.
- [9] S. Josemaria, *Notas tiradas numa reunião familiar*, 11/05/1965.

25 de janeiro, Conversão de São Paulo

Reflexão para meditar no dia 25 de janeiro, Festa da Conversão de S. Paulo. Oitava meditação do oitavário pela unidade dos cristãos. Os temas propostos são: a graça de Deus converte Paulo; o Senhor conta connosco, como contou com S. Paulo; S. Paulo é modelo para chegar à unidade.

Sumário

- A graça de Deus converte Paulo.
- O Senhor conta connosco, como contou com S. Paulo.
- S. Paulo é modelo para chegar à unidade.

TERMINA esta semana de oração pela unidade dos cristãos, comemorando a conversão de S. Paulo. «Saulo – lê-se na primeira leitura da Missa – respirando ainda ameaças de morte contra os discípulos do Senhor, foi ter com o sumo sacerdote» (At 9, 1-2). Era defensor acérrimo da lei de Moisés e, aos seus olhos, a doutrina de Cristo, era um perigo para o judaísmo. Por isso, não vacilava em dedicar todos os seus esforços ao extermínio da comunidade cristã. Consentira na morte de Estêvão, e, sem se dar por satisfeito, «devastava a Igreja: entrando de casa em casa, arrastava homens e mulheres, e entregava-os à prisão» (At 8, 3).

Dirige-se a Damasco, onde arreigou a semente da fé, com plenos poderes para «trazer algemados para Jerusalém quantos seguissem a nova doutrina, tanto homens como mulheres» (At 9, 2). Mas o Senhor tinha planos diferentes para ele. Já próximo de Damasco, «viu-se de repente envolvido numa luz intensa vinda do Céu. Caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, porque Me persegues?”. Ele perguntou: “Quem és Tu, Senhor?”. O Senhor respondeu: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”» (At 9, 3-5). S. Paulo nunca esquecerá esse encontro pessoal com Cristo ressuscitado. Muitos anos mais tarde, já convertido em testemunha incansável da fé, recordava-o com frequência: «No fim de todos – escreve aos Coríntios –, apareceu-me a mim também, como a um aborto.

É que eu sou o menor dos Apóstolos e não sou digno do nome de Apóstolo, por ter perseguido a Igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus sou aquilo que sou» (1Cor 15, 8-10).

Pensando nestas cenas, comentava S. Josemaria: «Que preparação tinha S. Paulo quando Cristo o derrubou do cavalo, o deixou cego e o chamou ao apostolado? Nenhuma! No entanto, quando responde e diz: “Senhor, que quereis que faça?” (At 9, 6), Jesus Cristo escolhe-o para Apóstolo»^[1]. Todo o empenho que antes o levava a perseguir os cristãos, impele-o agora – com uma força nova, maior do que alguma vez sonhou – a difundir por todos os recantos da terra a fé em Cristo. Não haverá já nada capaz de o afastar do cumprimento da tarefa: a sua vida ficou marcada por aquele encontro no caminho de Damasco, que foi o início da sua vocação.

A DESEJADA união dos cristãos é um dom que temos de pedir insistentemente ao Espírito Santo. A graça, se é graça, recorda Santo Agostinho, «é dada gratuitamente»^[2]. Sabemos que «Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1Tm 2,4), e sabemos também que para isso conta com a nossa colaboração para que – mediante a nossa vida e a nossa palavra – demos testemunho da alegria que dá viver com Cristo. Nesta missão, está sempre vigente o que S. Paulo se perguntava pensando nas pessoas que o rodeavam: «Mas como hão de invocar Aquele em quem não acreditaram? E como hão de acreditar n’Aquele que não ouviram? E como hão de ouvir sem haver quem pregue? E como hão de pregar, se não forem enviados?» (Rm 10, 14-15).

O fundamento sobre o qual S. Paulo apoiou todo o seu trabalho incansável de transmitir o Evangelho foi o ter encontrado Jesus pessoalmente: «Não sou Apóstolo? Não é verdade que vi a Jesus, Nosso Senhor?» (1Cor 9, 1). Só regressando frequentemente a esse momento, renovando-o diariamente, pôde o apóstolo dos gentios atrair tantas pessoas ao encontro com Quem tinha mudado radicalmente o sentido da sua própria vida. É também aí, no nosso encontro com Cristo, que encontraremos o impulso para colaborar em reunir, outra vez, todos os cristãos. Bento XVI, ao advertir precisamente a força que movia S. Paulo, afirmava que, «em última análise, é o Senhor que constitui alguém em apóstolo, não a própria

presunção. O apóstolo não se faz a si próprio; é o Senhor que o faz; portanto, precisa de referir-se constantemente ao Senhor. S. Paulo diz claramente que se é apóstolo por vocação»^[3].

S. Josemaria costumava imaginar as circunstâncias em que viveu S. Paulo: um enorme império que prestava culto a falsos deuses e em que os costumes contrastavam com a vida dos que seguiam Jesus. Naquela altura – dizia S. Josemaria – a mensagem do Evangelho era «totalmente oposta ao ambiente à sua volta, mas S. Paulo que sabe, que saboreou intensamente a alegria de ser de Deus, lança-se seguro à pregação, e fá-lo a todo o momento, também da prisão»^[4]. Consciente de que o autêntico encontro com Cristo só nos pode levar à felicidade, S. Paulo explicava aos Coríntios as razões que o moviam a evangelizar: «Não que pretendamos exercer domínio sobre a vossa fé, mas contribuirmos para a vossa alegria» (2Cor 1, 24).

«APRENDE a orar, aprende a procurar, aprende a pedir, aprende a bater: até encontrares, até receberes, até te abrirem»^[5]. O melhor caminho para que o Senhor conceda à sua Igreja a graça da união de todos os cristãos será uma oração perseverante. S. Paulo ensina-nos: logo que o ajudaram a levantar-se do chão, partiu para Damasco, «e ficou três dias sem ver, não comendo nem bebendo» (At 9, 9). Só passado esse tempo dedicado à oração e à penitência, Deus manda o seu servo Ananias: «Vai, que esse homem é instrumento da Minha escolha para levar o Meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel. É que Eu hei de mostrar-lhe quanto ele tem de sofrer pelo Meu nome» (At 9, 15).

Conscientes de que todo o trabalho apostólico – também a desejada unidade dos cristãos – não depende exclusivamente das nossas forças, o mais importante é prepara-nos adequadamente para acolher os dons de Deus. Tudo o que nos leve a fomentar esta disponibilidade interior, para que Cristo possa manifestar em nós a Sua vontade, é uma tarefa eminentemente apostólica. Por isso, podemos dizer que a oração e o espírito de penitência são os principais caminhos do ecumenismo: porque é só Jesus que pode mover os corações.

Neste sentido, o Papa Francisco interrogava-se: «Como é possível proclamar este evangelho de reconciliação depois de séculos de divisões? O próprio Paulo nos ajuda a encontrar o caminho. Ele sublinha que a reconciliação em Cristo *não se pode realizar sem sacrifício*. Jesus deu a sua vida, morrendo por todos. De modo semelhante, os embaixadores de reconciliação, em seu nome, são chamados a dar a vida, a não viver mais para si mesmos, mas para Aquele que morreu e ressuscitou por eles»^[6]. A conversão de S. Paulo é modelo para chegar à plena unidade. A Igreja, através do exemplo da vida do apóstolo, mostra-nos o caminho: encontro com Cristo, conversão pessoal, oração, diálogo, trabalho em comum.

Os discípulos de Jesus nos dias que se seguiram à Ascensão «se entregavam assiduamente à oração com Maria» (At 1, 14). Confiamos na intercessão da nossa Mãe para que, como acontecia nessa altura, alcancemos a unidade entre todos os cristãos: que um dia nos voltemos a reunir, todos juntos, ao seu lado.

NOTAS

[1] S. Josemaria, Notas tiradas de uma reunião familiar, 09/04/1971.

[2] Sto. Agostinho, *Enarrationes in Psalmos* 31, 2, 7.

[3] Bento XVI, Audiência geral, 10/10/2008.

[4] S. Josemaria, Notas tiradas de uma reunião familiar, 25/08/1968.

[5] S. Bernardo, *Sermo in Ascensione* 5, 14.

[6] Francisco, Homilia, 25/01/2017.